

3

Aspectos metodológicos

“O endeusamento das técnicas produz ou um formalismo árido, ou respostas estereotipadas. Seu desprezo, ao contrário, leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis. Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisador.” (Minayo, 1994:16).

Início este capítulo com uma exposição geral sobre as orientações teórico-metodológicas que nortearam meu pensar investigativo. Passo, então, a descrever o contexto de pesquisa e seus participantes. Num momento seguinte, abordo o corpus de dados, sua composição e os textos analisados para concluir o capítulo com os procedimentos adotados durante as análises.

3.1

Orientações teórico-metodológicas

A convicção da abordagem que nós, pesquisadores, adotamos quanto ao paradigma de pesquisa que desenvolvemos é fundamental para que nossas vozes e os resultados de nossas pesquisas sejam legitimados, confiáveis e, conseqüentemente mais úteis. Além disso, a forma como escolhemos abordar nossas questões, os métodos de pesquisa que buscamos, os métodos de gerar dados que escolhemos dizem muito sobre nossas perspectivas em relação à natureza da realidade, sobre nosso foco de interesse a respeito da existência do mundo, de como ele se nos apresenta, em suma, a nossa maneira de compreender e analisar a realidade. Em outras palavras, o paradigma de pesquisa que adotamos é, antes de tudo, uma questão ontológica, que determina não apenas nossa abordagem ou os métodos de pesquisa, mas também os propósitos que abraçamos e as identidades que desempenhamos.

Paradigmas são, assim, enquadres que funcionam orientando quais são os problemas a serem investigados e definindo teorias, explicações, métodos e técnicas para resolver tais questões. Comungo do pensamento de Kuhn (in Glesne 1999) ao argumentar que os dados e as observações em uma pesquisa são orientados pela teoria. A teoria é, por sua vez, orientada pelo paradigma e os paradigmas orientados histórica e culturalmente, dentro de um campo axiológico.

Não há como separar valores do processo de investigação (Lincoln & Guba, 2003:177).

O presente estudo deve ser entendido como uma pesquisa qualitativa na área dos estudos lingüísticos de cunho interpretativista (Lincoln & Guba, 2003; Edge & Richards, 1998; Silverman, 2001) e veio etnográfico (Erickson, 1986). Quando o que se quer é entender a dinâmica da vida social e das interações de uma determinada comunidade semiótica, a meu ver, este é o paradigma adequado.

Dirijamos o foco do texto, neste momento, à pesquisa qualitativa tomando sua escolha sob um foco ontológico e axiológico, assim, conscientes de que ao interpretarmos o mundo sob as cores dessas perspectivas, o texto estará, sem dúvida, envolvido pelas dimensões filosóficas fundacionalistas básicas deste paradigma (Glesne, 1999). No prosseguimento do texto tratarei da expressão ‘veio etnográfico’ que também usei para posicionar meu paradigma de pesquisa.

Os métodos qualitativos são geralmente embasados pelo paradigma interpretativista, que busca compreender um mundo onde a realidade é construída socialmente, complexa e constantemente mutante. Para os interpretativistas as realidades sociais são construídas por seus participantes em seus enquadres sociais (Guba e Lyncoln, 1994). A fim de entenderem a natureza dessas realidades construídas socialmente, os pesquisadores interpretativistas interagem e conversam com os participantes de tal realidade a respeito de suas próprias percepções, sem tentar equacionar ou generalizar essas percepções e normatizá-las, mas sim com a declarada intenção de procurar a diversidade de perspectivas (Silverman, 2001).

A tarefa de pesquisa de um interpretativista consiste em entender e interpretar como os diferentes participantes de uma dada realidade constroem significados para o mundo que habitam. Aqui o pesquisador torna-se o principal instrumento de pesquisa ao observar, fazer perguntas e interagir com os participantes estudados. O que não pode escapar ao investigador é que seu tema central será sempre a vida humana, a experiência humana da existência (ibidem, 2001).

Independente das peculiaridades das diversas categorias de pesquisa qualitativa, todas elas comungam de determinados pressupostos inerentes à pesquisa qualitativa interpretativista. Tais pressupostos abrigam-se dentro de dois posicionamentos mais amplos: por um lado a tendência definida de natureza

desreificadora dos fenômenos, do conhecimento e do ser humano e por outro a rejeição da neutralidade do saber científico (Glesne, 1999). Por certo, o enfoque interpretativista relativiza a questão do que vem a ser realidade. Aquilo que podemos entender e interpretar dos acontecimentos a nossa volta é o que pode ser chamado de real. A verdade é a interpretação, o inefável não existe. Assim, para fazer justiça à tamanha complexidade, o interpretativismo auxilia a desvelar algumas das complexidades do sentido, evitando simplificar os fenômenos sociais, mas sim explorando, honrando e respeitando a diversidade dos comportamentos.

Face às características permeável e flexível da pesquisa qualitativa, não devemos, todavia, entendê-la como uma disciplina sem rumo certo (Silverman, 2001). A tarefa de estudar uma cultura, descrevendo-a para entender seus significados não é simples, pois não existe nada mais complexo que tematizar sobre propósitos manifestos dos comportamentos humanos. Não obstante, a validade de suas conquistas encontra-se na coerência com que realiza a busca dos significados que determinadas condutas e organismos têm para os indivíduos afetados direta ou indiretamente em suas decisões e em suas vidas (Triviños, 1987). Esta preocupação é condição fundamental para que a pesquisa qualitativa assuma seu caráter científico. Tal caráter científico é obtido ainda através de estratégias disciplinadas, conscientes e metódicas de gerar dados. Dentre essas estratégias destacam-se aquelas igualmente utilizadas pelos diferentes ramos da pesquisa interpretativista: estratégias de observação participativa, entrevistas, estratégias de observação não-participativa e estratégias de arquivo. O ramo das entrevistas, por exemplo, inclui galhos menores como narrativas, biografias etc.

Volto-me agora para a questão da etnografia que permeia a identidade desta pesquisa. Por se tratar de uma questão fundamentalmente social penso que o paradigma de pesquisa etnográfica (Erickson, 1992) seja o mais adequado para abordá-la. Quando se procuram estudar fenômenos em que o ser humano é o principal agente, onde as interações entre esses diferentes agentes são complexas e os contextos diversificados, faz-se pertinente o recurso de uma abordagem etnográfica.

A pesquisa etnográfica preocupa-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as

estruturas sociais e a ação humana. A relevância da escolha por este tipo de pesquisa fundamenta-se também no modo como os atores sociais são abordados. A agência humana é considerada ativa, dinâmica e imprescindível no processo de construção de sentidos nas interações sociais. Assim, o "sujeito", historicamente fazedor da ação social, contribui para significar o universo pesquisado exigindo uma constante reflexão e reestruturação do processo de questionamento do pesquisador. Em etnografia, holisticamente, observam-se os modos como pessoas ou grupos sociais conduzem suas vidas com o objetivo de entender a construção dos significados cotidianos, nos quais tais pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação, enquanto participante do grupo a ser estudado.

No caso específico da pesquisa que realizo, a questão etnográfica recebe novos matizes. Eu não posso ser considerada como uma pesquisadora que se insere em uma cultura diferente da sua e busca compreender uma diferente forma de vida. Eu sou uma militar que se propôs a fazer pesquisa dentro de sua própria ecologia, voltando meu olhar para companheiros que trajam a mesma farda e respeitam o mesmo regulamento. No entanto, meu olhar investigativo não foge totalmente do olhar etnográfico proposto por Erickson (1992), isto é, em minha atividade fim na Força, eu não me insiro na micro cultura formada pelos pára-quedistas.

O Exército é uma grande instituição, com um efetivo geral que ultrapassa 190 mil militares. Como exposto do site do Exército (www.exercito.gov.br),

“A Força Terrestre está presente em todo o território nacional, o qual é dividido em sete comandos militares de área. Esses grandes comandos são constituídos por divisões de exército, brigadas e organizações militares de diversas naturezas e, para fins de apoio logístico e defesa territorial, são divididos em regiões militares (RM)”

Assim, esta instituição é grande o suficiente para permitir a formação de agrupamentos que, respeitando e comungando dos mesmos preceitos, objetivos e finalidades gerais, constituam micro culturas dentro da macro organização. Daí decorrerem as diferentes práticas em que se engajam as distintas micro culturas dentro de uma mesma Força, o Exército Brasileiro. Assim, há a possibilidade do estranhamento antropológico da pesquisadora em relação ao contexto estudado.

Tanto eu quanto o grupo de pára-quedistas envolvidos nas entrevistas cultuamos os mesmos símbolos nacionais: a Bandeira, o Hino, as Armas e o Selo. Somos integrantes do mesmo Exército, cujos pilares são a hierarquia e a disciplina, respeitamos os mesmos regulamentos, trajamos o mesmo verde oliva. No entanto, engajamo-nos em práticas profissionais completamente diferentes. Somos empregados na mesma Força para finalidades, ainda que complementares, distintas. Eu integro a linha de ensino, sou parte da chamada força invisível, enquanto eles são a força combatente atuante. Somamos esforços em formas diferentes de lutar. Por esta razão, penso que o veio etnográfico que utilizo no meu trabalho tingem tal paradigma com novos matizes, oferecendo resultados e entendimentos metodológicos bastante singulares.

Conduzi entrevistas (Mishler, 1986; Medina, 2004; Clandinin & Connelly, 2000) onde eu, a pesquisadora, conversei com pára-quedistas do Exército Brasileiro utilizando estratégias para que surgissem momentos férteis em que os entrevistados narraram situações importantes de suas vidas profissional e pessoal (Thompson, 1978 apud Clandinin & Connelly, 2000).

Minha intenção foi incentivar em cada entrevista a fala sobre temas relacionados com a vida na caserna, com experiência profissional e com o sentido que meus interactantes constroem para suas práticas coletivas e pessoais. Na intenção de proporcionar momentos em que os pára-quedistas dialogassem com os valores institucionais, procurei tocar em temas tais como patriotismo, coragem, força física e psicológica, disciplina, heroísmo, determinação – atributos observados em minha dissertação (Bruno, 2005) no que diz respeito à intenção de construção de identidade veiculada pela escola de formação.

No entanto, uma vez que entendo entrevistas como um exemplo de evento interativo (Mishler, 1986), isto é uma prática sociointeracional, onde pessoas se engajam em um processo dinâmico de construção do mundo que as cerca, incluindo aí as identidades dos participantes, a entrevista foi tomada para além de apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas. Considero a entrevista, assim como Medina (2004), um braço da comunicação humana. Propus-me, então, a construir juntamente com o meu interactante, um momento dialógico (Bakhtin, 1981) possibilitando envolvimento e aproximação entre as partes, facilitando, assim, o surgimento de narrativas de histórias de vida.

É necessário esclarecer que meu trabalho pretende integrar a perspectiva etnográfica à análise do discurso, onde fundo meus estudos. Minha pesquisa procura abordar aspectos do evento interacional em que pesquisadora e pesquisados funcionam como interlocutores, isto é, as entrevistas, e durante o qual os pára-quedistas entrevistados elaboram narrativas no intuito de se construírem identidades e ao mesmo tempo que constroem sentidos para os contextos que os cercam.

A fim de estudar a língua em uso minha pesquisa preocupa-se em documentar com o maior detalhamento possível a interação face-a-face entre os participantes das entrevistas. De acordo com Erickson (2001), tal nível de detalhamento possibilita que as questões que emergem dos dados possam ser estudadas e observadas sob vários ângulos. A análise do discurso, desta forma, proporciona interpretações e inferências a partir das colocações dos próprios membros do grupo estudado, com maior riqueza de detalhes, já que as interações gravadas podem ser ouvidas repetidas vezes.

Ao analisar os discursos produzidos durante a interação entre pesquisadora e pesquisados, como propõe Erickson (ibidem), é responsabilidade do pesquisador ir além do que é entendido explicitamente, já que a ênfase neste tipo de etnografia “é descobrir tipos de coisas que fazem a diferença na vida social do grupo pesquisado” (Erickson, 2001:12). Foi o que procurei fazer ao analisar minha interação com os pára-quedistas com quem conversei.

A análise de dados, de natureza qualitativa, de cunho interpretativista e veio etnográfico, foi realizada a partir da transcrição das falas dos participantes das entrevistas, gravadas em formato de áudio ‘.WAV’. Os nomes reais dos entrevistados foram substituídos por nomes fictícios.

3.2 Contexto de pesquisa

Os dados apresentados neste estudo foram gerados, em sua grande maioria, na Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro, mais especificamente no Batalhão Santos Dumont, o 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista do Exército Brasileiro.

A Brigada de Infantaria Pára-quedista, com sede no Rio de Janeiro, é tida no âmbito do Exército Brasileiro como uma de suas tropas de elite, que assim é referenciada pelos integrantes da Força. Segundo os estatudos do Exército, esta Grande Unidade está preparada para saltar e operar atrás das linhas inimigas. Está preparada, ainda, para atuar em no máximo 48 horas em qualquer parte do território nacional e permanecer sem apoio logístico por até 72 horas. Após o cumprimento da missão, entrega o território a outra unidade convencional.

Quanto a seu emprego estratégico, a Brigada de Infantaria Pára-quedista é parte fundamental da Força de Ação Rápida e Estratégica do Exército Brasileiro - FAR, tropa constituída pelo conjunto de grandes unidades de elite que têm como missão, defender o território nacional no mais curto período de tempo possível, em caso de uma invasão territorial.

São unidades constituintes da Brigada de Infantaria Pára-quedista: o Comando da Brigada de Infantaria Pára-quedista, 25º Batalhão de Infantaria Pára-quedista do Exército Brasileiro, 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista do Exército Brasileiro (unidade a que pertencem os participantes da pesquisa), 27º Batalhão de Infantaria Pára-quedista do Exército Brasileiro, Companhia de Precursores Pára-quedistas, 1º Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista, Companhia de Comando da Brigada de Infantaria Pára-quedista, 8º Grupo de Artilharia Pára-quedista, 21ª Bateria de Artilharia Antiaérea Pára-quedista, 1ª Companhia de Engenharia de Combate Pára-quedista, 20ª Companhia de Comunicações Pára-quedista, 6º Pelotão de Polícia do Exército Pára-quedista, Batalhão de Dobragem e Manutenção de Pára-quedas e Suprimentos pelo Ar, 20º Batalhão Logístico Pára-quedista, Destacamento de Saúde Pára-quedista, Centro de Instrução Pára-quedista General Penha Brasil, Seção de Salto Livre.

Cada uma dessas unidades desempenha funções específicas que, unidas e com foco comum, convergem para o cumprimento da missão maior. No site oficial da Brigada de Infantaria Pára-quedista (<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br>) encontra-se, na voz institucional, a competência essencial desta organização militar:

“Deslocar-se rapidamente de áreas de concentração estratégica amplamente dispersas no território continental do Brasil, aerotransportada ou lançada de pára-quedas, desdobrando-se para atuar em local de crise ou conflito, regional ou internacional, e, sem solução de continuidade, estar em condições de combate, para emprego imediato em Operações de Defesa Externa, Garantia da Lei e da Ordem, ou mesmo em Missões de Paz.”

Como explicitado anteriormente, os dados desta pesquisa foram gerados no 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista do Exército Brasileiro, o Batalhão Santos Dumont.

O Batalhão Santos Dumont é tido dentro da Força como uma tropa composta pela elite da elite, uma vez ser a unidade mais operacional da Brigada de Infantaria Pára-quedista. Núcleo da Força Tarefa Santos Dumont, é constituído de três Companhias de Fuzileiros Pára-quedistas, especializadas através de estágios em diferentes unidades de instrução do Exército Brasileiro, em combate na selva, pantanal, montanha e caatinga, uma Companhia de Comando e Apoio Pára-quedista e uma Base Administrativa. Sua missão principal é a conquista do território inimigo através do assalto aeroterrestre.

Assim define-se tal batalhão, no site oficial do ‘vinte e seis’, como é chamado por seus próprios integrantes:

“O 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista , ao longo dos tempos , firmou-se como Unidade de elite de nossas Forças Armadas. Na Defesa Interna , Manutenção da Ordem Pública e como Força de Paz da ONU , no território nacional e internacional , participou de históricas missões, tais como : Jacareacanga-62, Aragarças - 62, Cachimbo - 62, Goiânia - 62, Marabá - 62, Maceió- AL - 97, Fortaleza -CE ,São Domingos- 64 , Brasília -DF- 85 e 96, Greve dos caminhoneiros eixo RJ-SP- 86, ECO-RJ-92, Op Rio-RJ-94, Missão Angola/Moçambique - Continente Africano-94, diversas Op com a Força Aérea-Bumerangue-98-99 e Op na Zona do Canal do Panamá - América Central, com o Exército Americano em 1960. Através dos anos BATALHÃO SANTOS DUMONT , vem ratificando, com mais frequência , a sua posição de destaque como Reserva Estratégica do Exército Brasileiro, constituindo também, a Unidade Básica da Força Tarefa SANTOS DUMONT, tropa de Pronto Emprego da Brigada de Infantaria Pára-quedista, cuja missão principal é, atuar em todo Território Nacional no prazo máximo de 48 horas. O BATALHÃO SANTOS DUMONT é 100% composto por militares do Núcleo-Base, enquadrando-se na classificação de Unidade Operacional Permanente, sendo a primeira Unidade a se tornar OM de Pronto Emprego no Exército Brasileiro.”

3.3 Participantes da pesquisa

3.3.1 Militar-pesquisadora, pesquisadora-militar

Início falando de mim enquanto uma das envolvidas no processo de pesquisa, geração e interpretação dos dados. Considero importante este tipo de

autodefinição a fim de propiciar bases para que meu leitor possa perceber de onde eu falo. Além disso, minha tese trata fundamentalmente sobre a questão de construção de identidades, não poderia me furtar uma breve autobiografia com os dados que julgo significativos por influenciarem minha ação de pesquisadora.

Sou major do Exército Brasileiro, instituição que admiro e onde sirvo a meu país ao longo dos últimos 17 anos. Atuo como professora de inglês, contribuindo na educação de futuros oficiais do Exército. Sirvo no Instituto Militar de Engenharia desde 2001. Antes disso, lecionei por 8 anos na Academia Militar das Agulhas Negras. Em função de minha ação docente, afirmo que uma consistente gama dos oficiais que estão hoje na ativa, foram meus alunos. Alguns deles, inclusive e coincidentemente, participaram desta pesquisa como meus pares-entrevistados no 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista. Sou doutoranda em Estudos da Linguagem na PUC-Rio, envolvida com questionamentos acerca do potencial das narrativas enquanto lócus privilegiado para a construção de identidades em nossas interações cotidianas.

Sou mulher, mãe, filha, neta, profissional, professora, estudante... Sou muitas, como já bem dizia Cora Coralina. Permito-me a aparente confusão identitária, com o aval de Walt Whitman, que escreveu: “Eu me contradigo? Você diz que eu me contradigo? Está bem, então eu me contradigo. Eu sou vasto e contendo multidões.”

Questiono, indago, busco. Creio que qualquer pessoa que se envolva em questionamentos sobre o mundo que a cerca, questiona, sim, a si própria, entende-se à medida que constrói sentidos para o que escuta, vê, escreve ou lê. Posiciono-me, interpreto. Minhas interpretações e entendimentos são, desta forma, produtos de meus filtros afetivos pessoais, estão tingidos pelos matizes de meus sentimentos e emoções. Assim, não pretendo que sejam encarados como verdades absolutas, são apenas mais vozes lançadas no fluxo ininterrupto de idéias que tramam os entendimentos. Como coloca Nietzsche, “Não há fatos, apenas interpretações”. Nesta pesquisa exponho as minhas.

3.3.2 Os pára-quedistas entrevistados

Todos os meus pares-entrevistados são pára-quedistas do Exército Brasileiro. No 26º conversei com 10 deles que lá serviam. No Instituto Militar de Engenharia (IME) entrevistei um que já havia servido na Brigada.

Cabe ressaltar que o militar que integra a tropa pára-quedista dispõe-se a um rigoroso treinamento. O Curso de Pára-quedista Militar do Exército Brasileiro, ministrado na área de estágios do Centro de Instrução Pára-quedista General Penha Brasil, além de capacitar o militar a se lançar armado e equipado de uma aeronave militar, também realiza uma seleção física durante o curso. Os militares são testados física e mentalmente. São eliminados aqueles que não se adaptam à rotina severa, os que não conseguem concluir os exercícios e testes físicos propostos durante o curso. Os militares que passam pela fase de instrução inicial, saltam quatro vezes de aeronave militar, sendo o último salto em missão específica de adestramento. Após o assalto aeroterrestre e simulação de ataque a forças inimigas, fazem uma marcha de combate que pode chegar a até 150 Km, carregando todo o equipamento e armamento que pesam em média 60 Kg . Esta marcha é feita sempre em terreno acidentado o que impõe ainda maior dificuldade. Os que concluem todas as etapas, recebem, em cerimônia formal e festiva, o brevê de pára-quedista militar do Exército Brasileiro, a boina bordô e o coturno marrom, característicos do pára-quedista militar brasileiro.

Preferi não escolher os pára-quedistas com quem iria conversar, por diferentes razões. Acima de tudo, creio que dados são sempre ricos e oferecem-se à análise e interpretações. Destarte, não solicitei nem restringi os postos, a experiência ou as vivências daqueles com quem conversaria. Tampouco sei se meus entrevistados foram voluntários ou não para participar das entrevistas. No entanto penso que tenham sido indicados pelo comandante do Batalhão. Mais à frente, quando eu tratar do corpus de dados, esclarecerei em mais detalhes minhas impressões sobre esta questão das indicações do Comandante. Um dos capitães, no entanto, posso afirmar com certeza ter se voluntariado. No final do segundo dia de entrevistas, quando eu já guardava meu material, ele bateu à porta da sala e pediu para entrar. Assim que ele entrou o reconheci, ele havia sido meu aluno na Academia Militar das Agulhas Negras há alguns anos. Ele explicou que havia

ficado sabendo que eu me encontrava no 26º realizando uma pesquisa e que ele gostaria de participar. Com grata satisfação entrevistei meu ex-aluno que naquela momento era capitão, assim como eu.

Meus pares-entrevistados constituíram-se em um Tenente Coronel, o Comandante do batalhão, dois majores, quatro capitães, e quatro tenentes. Os postos destes pára-quedistas dizem respeito a sua condição hierárquica perante os demais oficiais de maneira geral. Assim, acredito que as interações comigo foram enquadradas pelos participantes das entrevistas também mediante a questão da hierarquia preconizada na Força. Quando das entrevistas, eu era uma capitão que interagi com oficiais hierarquicamente superiores, com pares e com subordinados. Este jogo hierárquico-discursivo foi por mim analisado em um trecho selecionado de uma das entrevistas e encontra-se em anexo sob o título de “Não tem problema nenhum. Muito pelo contrário é um prazer. Análise de jogo de poder discursivo em interação entre militares de postos diferentes”.

Cada um dos entrevistados teve comigo um tipo singular de interação, o que não é o alvo deste estudo. Os motivos para tanto são infinitos. Nossas idiosincrasias foram sempre refletidas em nossas falas resultando em conversas por vezes mais animadas, por outras mais formais e sérias, em algumas as narrativas fluíam com mais facilidade, em outras tive que provocá-las. Porém todas as interações renderam dados, sempre ricos e diversificados. Campo de análise para uma vida inteira.

Por hora é importante mencionar que meus interactantes traziam bagagens comuns, que interessavam ao meu propósito de pesquisa: todos são pára-quedistas do Exército Brasileiro, serviram ou servem na Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro. Além disso, todos os pára-quedistas com quem interagi mostraram-se dispostos, cooperativos e didáticos. Todos me pareciam muito mais ansiosos em ensinar quem é o pára-quedista do que propriamente narrar histórias, construindo uma imagem do pára-quedista combatente do EB que lhes parecia positiva e motivo de orgulho, afinal todos sabiam que os dados ali gerados seriam analisados e compartilhados em outros contextos que não apenas o militar. Em nenhum momento quero parecer duvidar de meus companheiros de farda ou dizer que eles não são o que dizem que são, penso que isso seria insultá-los. Lembro que identidades são construídas situadamente no discurso, assim interpretei os dados.

3.4 O corpus de dados

Ao dirigir-me ao 26º BInfPqdt, investi-me de algumas facetas de minhas identidades: profissional, militar e pesquisadora, interessada em entender como os pára-quedistas a serem entrevistados constroem sentidos para o mundo que os cerca e para si próprios, enquanto grupo e enquanto indivíduos.

Neste Batalhão me senti muito bem recebida por todos. Meu primeiro contato foi com o Oficial de Dia, que já estava avisado sobre minha chegada. Ele levou-me até o Comandante do Batalhão que me foi muito solícito. A esta altura ele já estava ciente, através dos ofícios expedidos pela cadeia de comando solicitando autorização para minha pesquisa, como preconiza o Exército, dos propósitos da mesma. O Comandante disponibilizou-me uma pequena sala onde as entrevistas puderam ser conduzidas.

A abordagem usada para se gerar dados interpretados neste trabalho foi a entrevista. Segundo Holstein & Gubrium (2003), a entrevista é, sem dúvida, a técnica mais amplamente usada para conduzir pesquisa social sistemática. Sociólogos, psicólogos, antropólogos, psiquiatras, administradores, políticos, lingüistas, sociolingüistas, analistas do discurso, lingüistas aplicados tratam a entrevista como suas janelas para o mundo. Ainda conforme Holstein & Gubrium (2003),

“... entrevistas fornecem um modo de gerar dados empíricos sobre o mundo social na medida em que pessoas falam sobre suas vidas. Por este ângulo, entrevistas são formas especiais de conversas. Ainda que essas conversas apresentem diferentes perfis, desde o altamente estruturado e quantificado até entrevistas semi formais ou as de fluxo completamente livre, todas as entrevistas são interacionais”.

Proponho ser a entrevista per si entendida como um momento de comunicação face-a-face característico da pós-modernidade e os papéis interacionais, e, por conseguinte, identitários, decorrentes dela ricas fontes de análise (Mishler, 1986; Briggs, 2003; Gubrium & Holstein, 2003; Fontana, 2003; Atkinson & Steward, 2003; Glesne, 1999). Vivemos em uma sociedade que parece envolver seus membros em uma espessa nuvem de perguntas e respostas seja em suas interações cotidianas ou mesmo televisionadas (Atkinson & Coffey, 2003). Celebidades e pessoas comuns são alvo de indagações que vão desde a

pesquisa de opinião até questionamentos sobre suas vivências pessoais mais íntimas. Vemos que o modelo entrevista reproduz nossas interações ordinárias, é uma interação humana com todas as suas incertezas (Glesne, 1999).

Identidades operam em múltiplos níveis lingüístico-discursivos simultaneamente, isto é, são construídas semioticamente em uma gama de recursos lingüísticos, a análise sob o enfoque interacional, proporcionada pelas entrevistas, oferece uma visão bastante abrangente dos processos. É na interação que todos os recursos de construção identitária podem ganhar vida (Bulcholtz & Hall, 2005:586).

Mishler (1986) define entrevista como um evento de fala ou uma atividade de fala, inspirado em Hymes (1967) e Gumperz (1982). Assim, considera que entrevistas são atividades interativas que fazem nascer sentidos, governadas por regras discursivas de propriedade e relevância que são parte das competências lingüísticas compartilhadas pelos membros de uma dada comunidade. Para Mishler (*ibidem*), os sentidos que emergem em uma entrevista não são singulares ou fixos, mas sim co-construídos por seus participantes, não havendo espaço para papéis limitados e essencialistas. Ao serem consideradas eventos de fala como quaisquer outros que acontecem em nossas interações rotineiras, as entrevistas evocam diferentes formas e funções da língua na busca da construção de sentidos, desde meras descrições de objetos até expressão de sentimentos, crenças e narração de experiências.

A entrevista, sob uma ótica de análise lingüístico-discursiva, evidencia as dimensões icônica e indexical da linguagem (Scholes 1966, 1980 in Mishler, 1986), abrindo-nos portais para “o conhecimento social subjetivo e intersubjetivo e a construção ativa desse conhecimento pelos agentes humanos, o qual é produzido pela consciência humana” (Lincoln & Guba, 2003:181).

Escolhi, pois, a entrevista para gerar dados em um processo de pesquisa acadêmico na busca de entendimentos acerca de pessoas, suas experiências, sentimentos, pensamentos, alegrias e amarguras no mundo e no tempo em que vivemos. Creio que, em última análise, acaba sendo uma tarefa que o pesquisador empreende na busca por si mesmo.

Estive no 26º por um período de duas semanas, adaptando-me à disponibilidade de meus entrevistados. Enquanto eu aguardava na sala preparada para as entrevistas, meus pares-entrevistados surgiam, sem que eu soubesse quem

seria o próximo. Este fator surpresa acabou contribuindo para uma certa espontaneidade nas interações. Eu sempre iniciava as entrevistas com perguntas do tipo ‘qual o seu nome?’, ‘de onde você é?’, ‘há quanto tempo serve aqui?’. Quando o pára-quedista entrevistado coincidia de ser um ex-aluno, eles também me faziam perguntas, mostrando interesse em saber o que eu havia feito desde a época em que interagíamos em sala de aula. Para chegarem até a sala onde as entrevistas eram conduzidas, os entrevistados tinham que passar por um corredor em que havia portas para outras salas. Às vezes eu os aguardava à porta da sala e pude ver as brincadeiras que aconteciam entre meus entrevistados e seus companheiros ao passarem pelo corredor que levava até a minha sala. Por exemplo, um pára-quedista que já havia sido entrevistado, ao perceber que um colega se dirigia para a sala de entrevistas, brincou: ‘Ah! Você é o próximo interrogado!’. Seguiram-se risos de todos. Em outro momento, assim que o entrevistado acomodou-se na cadeira, olhou para mim e disse, sorrindo: “Pode começar o interrogatório”. Estes acontecimentos deixam ver como os pára-quedistas entendiam minha presença entre eles. Havia um certo estranhamento quanto a minha permanência ali, nada que nos constrangesse, mas estava claro que os dados seriam gerados com cautela, num delicado jogo interacional em que todos se envolveram, colaboraram com a pesquisa, preservando suas faces e a do interactante.

Ao final das entrevistas havíamos gravado quase 10 horas de interação. Os dados são muitos e podem ser olhados por uma infinidade de ângulos, prestando-se a um sem número de abordagens.

3.5 Procedimentos de análise

Meu primeiro passo rumo às análises foi ouvir todas as gravações, uma a uma, algumas repetidas vezes. Cada gravação ouvida era mapeada, em uma espécie de tabela, que se encontra em anexo (anexos 11 a 17). Nesta tabela procurei registrar a estrutura de cada interação, isto é, o desdobramento dos tópicos interacionais. Registrei ainda algumas falas emblemáticas de cada tópico, tanto minhas quanto dos entrevistados, o tempo cronometrado em que cada tópico

era introduzido, os momentos em que narrativas julgadas importantes foram elaboradas etc. Antes mesmo da transcrição pode-se dizer que as análises já são iniciadas. Os filtros afetivos do pesquisador estão em ação o tempo todo, selecionando e julgando aquilo que lhe parece mais importante, saliente, curioso. Adoto, porém, uma postura analítica em que procuro deixar os dados falarem, tento baixar meus filtros emocionais e deixar falar as marcas impressas no discurso. Quero dizer que muitas vezes, mesmo querendo analisar um determinado ponto que julgava importante, os dados me traziam outros, oferecendo-se à análise.

Após o mapeamento das conversas, dediquei-me às transcrições, trabalho fascinante, detalhado e demorado. Considero que o trabalho e a atividade de transcrever os dados mexa muito com o pesquisador. É neste momento que pequenos detalhes que passam quase que despercebidos no ato interacional podem tomar proporções gigantescas na interpretação. Detalhes, pausas, entoações, prosódia, repetições, risos, silêncios, além dos detalhes não-linguísticos que acompanham a fala. As convenções para a transcrição encontram-se em anexo.

Ressalto aqui minha dificuldade em transcrever a fala de um de meus entrevistados em particular. Foi envolta em um sentimento de pesar nostálgico que transcrevi a fala do Tenente Coronel Ermínio, o comandante do 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista. Este oficial veio a falecer por ocasião do terremoto ocorrido no Haiti em janeiro de 2010. Ouvir sua fala, ali tão vívida, transcrever sua interação comigo, sabendo que ele não estava mais vivo, que jamais saltaria de pára-quedas novamente, que seus sonhos e ideais haviam ficado em algum lugar onde devem habitar as ilusões, me foi tarefa árdua. Este combatente pára-quedista, preparado para a guerra, morreu em missão de paz. Que esteja, pois, na paz.

Procedi à seleção das passagens que seriam transcritas, inicialmente, fiando-me em uma proposta de análise que, intencionalmente ou não, me foi oferecida logo pelo meu primeiro entrevistado. Nos parágrafos seguintes explico que proposta de análise foi esta.

Tenho mais do que apenas a impressão de que os militares com quem tive a oportunidade de conversar foram indicados pelo coronel comandante da unidade, quer devido à confiança profissional depositada nesses homens, quer pela experiência de vida militar de cada um deles. Ao serem informados de que minha

pesquisa tinha como objetivo, grosso modo, entender ‘quem é o pára-quedista infante do Exército Brasileiro’, os militares que comigo conversaram, incluindo o próprio comandante do Batalhão, puseram-se, obviamente, na função de fazê-lo, e bem. Lembro que minha pesquisa prima por entender quem são esses homens considerando seus próprios pontos de vista, suas visões e entendimentos acerca de si mesmos. Parece bastante natural que quisessem se construir positivamente ante uma pesquisadora que, ainda que também oficial do Exército, usaria os dados em outros contextos da sociedade. Sob este enfoque interpretativo, o Capitão Vieira foi o primeiro militar a interagir comigo em situação de entrevista. Início minhas análises por ele, não apenas por ele ter sido o primeiro, mas por acreditar que ele não tenha sido o primeiro por acaso.

Rezam no meio militar dois jargões que se aplicam ao modo como eu interpreto a participação do Capitão Vieira na geração dos dados. O primeiro jargão: “Em princípio, todos somos voluntários”, salientando a disposição e o devotamento que todo militar demonstra perante missões, de qualquer natureza, a serem cumpridas. O outro jargão seria: “Missão dada, missão cumprida”, indicando a presteza e eficiência na execução das orientações de superiores. Em minha interação com o Capitão Vieira pude perceber que ele posicionou-se na função de desenhar o perfil do pára-quedista infante, esclarecendo a pesquisadora, investindo-se ou tendo sido investido de tal missão. Vieira, analiso, cumpriu sua missão tão bem que não me restaram dúvidas quanto a usar os dados gerados em nossa interação para iniciar minhas análises. Explico: este combatente ofereceu-me uma elaborada descrição do pára-quedista, usando categorias nativas, sob o enfoque do próprio pára-quedista que é enquanto elemento daquele agrupamento, e cuja identidade é nutrida pelos ideais valorizados naquela comunidade. Tais categorias descritivas, instanciadas espontânea e intencionalmente por um dos membros do grupo estudado, nortearam meus olhares, ainda que não me cegando, para os dados gerados durante as outras entrevistas. O Capitão Vieira, ao responder minha primeira pergunta e iniciar sua fala, tirou do bolso de seu uniforme um roteiro manuscrito com indicações dos atributos do pára-quedista que julgava importantes serem mencionados em nossa conversa.

70	V		isso, então é: é: mas o que que me fez, com essa idade, querer ser militar? porque eu admirava FILME, essas tropas que mostravam o combate:nte, o patriotismo,
----	---	--	--

			então foi o mesmo motivo que me trouxe pra brigada pára-queda <por ser uma tropa de elite>
	D		hum hum a brigada é uma tropa de elite?
75	V		Isso
	D		como vocêalaria um pouco mais sobre isso? por que que é uma tropa de elite? o que que faz aqui que não se faz em outro lugar?
80	V	▶	então veja bem, eu separei aqui algumas idéias ((o capitão retira do bolso uma folha com anotações feitas por ele próprio sobre tópicos que ele tem a intenção de salientar durante a entrevista))
	D		hum hum
85	V		inicia já com o nosso próprio lema NÉ? <BRASIL, ACIMA DE TUDO> ...só tem uma substituição a esse lema que é. DEUS. acima de tudo, pra quem tem uma religião, qualquer que seja ela.

Ele tinha em suas mãos uma agenda oficial, um tipo de *script* previamente pensado por ele mesmo, o qual fez questão de seguir do início ao fim. Percebi, ao analisar os dados, que o Capitão Vieira estava determinado a mencionar e explicar todos os pontos de que havia tomado nota, inserindo-os em sua fala independente das perguntas que se lhe fossem feitas.

Um evento curioso se deu no fim da entrevista, evidenciando a determinação deste militar em tratar sobre todas as suas anotações. Quando me julguei satisfeita com nossa conversa, agradei a participação do Cap Vieira e fiz menção de desligar o gravador. Neste momento, meu par-entrevistado toma o turno e diz que ainda lhe restam alguns pontos anotados sobre os quais gostaria de discorrer, deixando claro que se eu estava satisfeita com os dados gerados até ali, ele não estava.

	D	▶▶	haha "só por isso", como se fosse pouco. Vieira, agradeço muito você gastar seu tempo aqui comigo, eu não vou fazer nada com esses dados que eu não te apresente antes, vou falar "Vieira, olha, tô querendo ver isso e isso" a gente conversa. muito obrigada mesmo Vieira, obrigada, tá?.
	V	▶▶	ainda tenho alguns pontos que eu gostaria de falar.
	D	▶▶	ficou faltando então falar, Vieira? sobre algumas linhas ali que você tinha anotado.
	V	▶▶	é, então só a parte aqui da tradição. nossa tropa também, me chama muito a atenção, me dá muito prazer e orgulho por ser uma tropa DE TRADIÇÃO. acho que: quem assistiu aquele filme <i>band of brothers</i>

O Cap Vieira seguiu, determinado, o seu roteiro, desempenhando, na prática lingüística, diante de meus olhos de par-pesquisadora, alguns dos atributos

do pára-quedista descritos por ele próprio: espírito de cumprimento de missão, determinação, disciplina, liderança, motivação....

Em um primeiro momento das análises, saliento os pontos detalhadamente articulados por meu companheiro de farda acerca dos atributos que qualificam a tropa de infantaria pára-quedista. Em seguida, com o auxílio do *script* oferecido pelo próprio integrante do grupo pesquisado, uso sua agenda oficial para analisar e discutir a construção das identidades coletivas dos pára-quedistas entrevistados ao voltar meu olhar para as narrativas produzidas pelo Cap Vieira e por todos os meus outros pares-entrevistados. Ao prosseguir com as análises acerca das identidades coletivas da tropa pára-quedista, problematizo questões trazidas em suas falas que considero fundamentais na construção de identidades desses homens enquanto tropa coesa, a saber: as masculinidades militares hegemônicas que nutrem tanto quanto são nutridas nos discursos veiculados naquele meio. Considero que o modelo social do masculino militar vivenciado nas formas de vida desta sociedade ofereça um amplo portal de possibilidades identitárias que, banhadas em tempos de pós-modernidade, dão vida a um novo tipo de combatente, que será trazido à tona com as análises.

Ao analisar as identidades coletivas desses militares, volto meu olhar para o processo narrativo utilizado na construção dos '*self's*' desses combatentes que ao narrarem suas histórias fazem-se os protagonistas das mesmas. Em um processo narrativo e autobiográfico, surge o *self*, o idiossincrático, o pessoal em meio ao grupo.

As unidades de análise foram identificadas levando-se em consideração a atitude e postura lingüístico-discursiva do entrevistado ao interagir com a pesquisadora. Ao elaborarem suas falas, quer em resposta às minhas perguntas, quer no intuito de inserir um assunto que lhes interessava, meus pares-entrevistados buscavam exemplificar determinados entendimentos pessoais criando imagens de cenas que viveram, vivem ou são passíveis de viver em função de sua atividade profissional. Toda vez que eu percebia esta atitude discursiva nos entrevistados, logo surgia uma unidade narrativa passível de análise com inspiração em Bastos (2008) e Oliveira, Bastos e Pereira (2007). Desta forma, analisei narrativas canônicas, nos termos labovianos (1972); narrativas genéricas (relato de eventos que ocorrem de forma repetida e sistemática – em minha pesquisa como relato de práticas e vivências do dia-a-dia

profissional dos pára-quedistas); narrativas hipotéticas ou fictivas (relato de eventos passíveis de acontecerem); e narrativas curtas (justaposição de uma seqüência de pelo menos duas ações em referência a um acontecimento). Desta forma, as unidades significativas para análise contemplam um escopo amplo, e se relacionam por se referirem a partes da história de vida daquelas que narram.

Além dessas unidades de análise, identifiquei e analisei aquilo que Linde (1993) chama de explicações, isto é, segmentos de fala que se destinam a fundamentar determinados pontos de vista dos entrevistados. Penso que se pode entender tais explicações como orientações (Labov, 1972) mais elaboradas, isto é, explicações que servem de orientações para o ponto de narrativas que surgiram durante a interação.

As explicações/orientações elaboradas pelos entrevistados para desenhar o pára-quedista trazem, em seu conteúdo, as qualidades que um guerreiro alado evidencia, ou seja, os valores e ideais essencialmente cultuados naquela ecologia e que, por serem comungados por seus integrantes, os investem da condição de grupo, fortalecendo os sentidos que eles constroem para si mesmos, saudando-os com o conforto de identidades sociais (Goffman, [1963] 1988).

Os ideais pára-quedistas mencionados pelo Cap Vieira são tidos no meio pára-quedista como as crenças centrais vivenciadas pela tropa pára-quedista do Exército Brasileiro. À prática de tais ideais os pára-quedistas se referem como a ‘mística pára-quedista’. Tais categorias foram propostas pelo próprio integrante do grupo para qualificá-los. Saliento que, por hora, cito tais ideais. Oportunamente, no desdobrar de meu texto, desenvolvo análises e discussões sobre os mesmos. Os ideais pára-quedistas mencionados pelo Capitão Vieira são (na ordem em que aparecem na fala deste pára-quedista): patriotismo, religiosidade, voluntariedade, coragem, espírito de cumprimento de missão, responsabilidade, determinação, dedicação, espírito de equipe, companheirismo, preparo intelectual, preparo emocional, preparo profissional, preparo físico, tradição, liderança, honestidade, brasilidade e capacitação técnica.

Percebi que alguns desses ideais se confundem nas falas dos meus entrevistados, que usavam alguns até mesmo como sinônimos de outros, por julgarem-nos de natureza semelhante. Por este motivo e visando a sistematização das análises os ideais pára-quedistas encontram-se analisados e agrupados da seguinte forma: preparo físico; preparo emocional; determinação e espírito de

cumprimento de missão (analisados como a expressão do mesmo ideal); espírito de sacrifício e profissionalismo (agrupados no mesmo campo de análise); voluntariedade, espírito de equipe e companheirismo (entendidos sob o mesmo enfoque), patriotismo, nacionalidade e ‘brasilidade’ (agrupados para análise); coragem.

Em minhas análises percebi que os ideais cultuados pelos pára-quedistas, metodicamente delineados pelo Capitão Vieira, são recorrentes na fala de todos os outros militares com quem interagi, sem exceção. Esta observação corrobora com a idéia de que o culto a tais ideais funciona na socioconstrução das identidades sociais dos membros deste grupo. O que surge na prática de tal culto é um sentimento de pertença ao grupo, fortalecendo-o enquanto coletividade ao mesmo tempo em que o opõe a demais grupos dentro da Força. Assim, diferença e oposição são conceitos-chave em minhas análises das identidades sociais desempenhadas por meus pares-pesquisados.

Uma vez postas as bases teórico-metodológicas suporte desta pesquisa, descritos o contexto e os participantes estudados, bem como a composição geral do corpus de dados, passo às análises.